# Entrevista com Vera Duarte

# Interview with Vera Duarte

Fernanda Sampaio Gomes dos Santos[1]
Simone Caputo Gomes[2]

RESUMO: Entrevista realizada por Fernanda Sampaio Gomes dos Santos e pela professora Simone Caputo Gomes, do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, do Departamento de Língua Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, em novembro de 2024

ABSTRACT: Interview conducted by Fernanda Gomes Sampaio and teacher Simone Caputo, of the Program of Comparative Studies of Portuguese Language Literatures, of the Department of Classical and Vernacular Languages of the University of São Paulo, in November 2024.

PALAVRAS-CHAVE: Vera Duarte; Literatura cabo-verdiana; Entrevista.

KEYWORDS: Vera Duarte; Cape Verdean literature; Interview.

Vera Duarte é uma renomada autora e magistrada cabo-verdiana, com uma sólida trajetória literária e jurídica. Iniciou sua carreira literária em 1993 com Amanhã amadrugada e publicou diversas obras, incluindo poesia, ficção e ensaios, sendo premiada por sua contribuição à literatura lusófona, como o Prix Tchicaya U Tam'si de Poésie Africaine. Sua obra é amplamente estudada em teses acadêmicas e destacada em coletâneas nacionais e internacionais. Além disso, é membro de importantes academias literárias e culturais. Na área jurídica, atuou como juíza

[1] Universidade de São Paulo, Brasil.
[2] Universidade de São Paulo, Brasil.

desembargadora, foi ministra da Educação e integrou organismos internacionais de direitos humanos. Recebeu condecorações como a Medalha do Vulcão de Primeira Classe e o Prêmio Norte-Sul de Direitos Humanos. É conferencista internacional em temas como literatura, direitos humanos e cultura.

Nesta entrevista, a escritora e magistrada cabo-verdiana Vera Duarte compartilha sua jornada literária, desde a infância rodeada por livros e poesia até a consagração como autora de destaque na literatura de Cabo Verde. Ela reflete sobre os impactos que moldaram sua escrita, a luta pela emancipação feminina e o impacto de Amílcar Cabral em sua obra. Com um olhar sensível e engajado, Vera Duarte destaca as conexões culturais entre Cabo Verde e Brasil, celebrando o papel da literatura e da arte na construção de uma sociedade mais justa e plural.

**Crioula:** Como a literatura entrou na sua vida?

**Vera Duarte:** A literatura entrou naturalmente na minha vida, porque eu já nasci em uma casa que tinha uma grande biblioteca. Os meus pais, quer o meu pai, quer a minha mãe, gostavam de ler. Além disso, a minha mãe e o meu pai liam muito; minha mãe já na casa dela, dos seus avós em Santo Antão, que é uma ilha agrícola, e o meu pai costumava reunir os nove filhos à tardinha para lerem obras de Victor Hugo, Eça de Queirós, os autores que se liam, portanto, nessa altura. Estamos a falar para aí de décadas, da década de 30 do século XX. Depois, em minha casa, o meu pai gostava de tocar guitarra e tocar piano, portanto, tínhamos um ambiente muito artístico e cultural, também gostava de ler. Ou seja, desde pequena eu comecei a ler. Aliás, eu tenho uma miopia acentuada e acho que tem a ver com isso.

Comecei a ler os livrinhos de quadradinhos que vinham, por exemplo, do Brasil... Bolinha, Luluzinha, li os romancinhos Cor-de-Rosa da Barbara Cartland e

outros. Li os Caprichos que também vinham do Brasil e foi assim que eu fui evoluindo. Embora ainda muito jovem, 14, 15, 16 anos, eu também já lia inclusivamente alguns livros proibidos para nós da estante da nossa casa, como Os Maias de Eça de Queirós. Mas continuei sempre na senda de gostar de ler e, portanto, com a ida para a universidade em Portugal, ampliei imenso as minhas leituras, comecei a ler os surrealistas, Paul Eluard, Arthur Rimbaud... Baudelaire, também romances como Dostoiévski, Tolstói, Anton Tchekhov, Nabokov. Portanto, eu posso dizer que a minha leitura foi começando lá atrás, com Jorge Amado, com Júlio Diniz, Morgadinha dos canaviais e outros contos juvenis. Portanto, começando com esses, hoje em dia é uma leitura absolutamente universal.

**Crioula:** De que maneira decidiu que seria escritora?

**Vera Duarte:** Eu nunca decidi ser escritora, aliás, demorei muito para aceitar que eu era uma escritora ou uma poeta, só fiz isso na altura em que publiquei o meu décimo livro que se chama Reinvenção do mar e é uma antologia de quatro livros de poemas que eu já tinha publicado. Comecei a escrever novinha quando frequentava a escola dominical da Igreja de Nazareno em São Vicente, onde nasci e cresci. Aprendíamos a dizer pequenos poemas e a escrever pequenos poemas que depois recitávamos normalmente nas festas de Natal. Desde aquela altura comecei a ganhar gosto por escrever pequenos poemas que depois rasgava.

Ah, quando eu era criança, estamos a falar já na década de 60 do século XX, as meninas não eram estimuladas a escrever, portanto, escrevia escondida e depois rasgava, mas a escrita acompanhou-me desde sempre e, sobretudo, quando fui estudar em Lisboa, Portugal. Eu tinha 15 anos, fiz lá 16. Tive de fazer o sexto e o sétimo ano lá porque no meu Liceu em São Vicente, que é o Liceu Gil Eanes, não havia candidatos suficientes para o curso de Direito, que era o curso que eu sempre

quis fazer. Então, fui escrevendo, fui publicando nos jornais nas revistas. Com 40 anos publiquei o meu primeiro livro de poemas, Amanhã amadrugada, e quando cheguei ao décimo livro aceitei que eu poderia me considerar uma poeta e escritora.

**Crioula:** Quais foram os livros e/ou autores que mais impactaram o seu pensamento e o seu processo de escrita?

**Vera Duarte:** Como eu sempre gostei muito de ler, fui marcada por muitos livros, mas na verdade só a partir de uma determinada altura é que comecei a ler os romances que tinham efetivamente uma expressão que pudesse imprimir uma marca nos meus escritos. Como disse, aos 14 anos li Os Maias, de Eça de Queirós, antes já tinha lido Júlio Dinis, Jorge Amado com os Capitães da areia e Os subterrâneos da liberdade…

Posso dizer que foram esses os livros que começaram a deixar marcas. Com a minha mudança para Portugal para estudar Direito, comecei a ampliar de forma bastante grande os meus horizontes literários. Li os surrealistas franceses, dos quais fiquei com um gosto especial pelo Paul Éluard, que acho um poeta absolutamente transcendente, e também Arthur Rimbaud, sobretudo, pela posição que ele tomou na carta que escreveu a Paul Démeny em 1871, em que ele fala sobre quebrar a infinita escravidão da mulher, para que ela possa viver por ela e para ela. Apanhei um gosto e uma gratidão por Rimbaud, muitas vezes o citei. Quando quis me tornar uma autora efetivamente muito ligada à problemática da emancipação da mulher, Rimbaud serviu muito de magister dixit. Depois vieram os livros que me marcaram profundamente, como os de Nabokov, Tchekhov, e, na poesia Florbela Espanca ocupou um lugar absolutamente singular. Depois, tomei conhecimento de algumas poetas brasileiras como Adélia Prado, mas foi depois… Portanto, eu diria que são esses os livros que mais me marcaram. Li, sobretudo, obras que têm a ver com a luta

por sociedades mais democráticas. Por exemplo, o nosso Arménio Vieira com o seu livro O eleito do sol, Umberto Eco, Clarice Lispector... Ah, ah sem esquecer o impacto que exerceu nos cabo-verdianos Manuel Bandeira, de que também gosto muito.

**Crioula:** O seu mais recente livro de poesia, Urdindo palavras no silêncio dos dias, foi publicado no Brasil e recebido pela crítica especializada como uma "ode à África". Que mensagem gostaria de deixar para nós, leitores brasileiros, com esse livro?

**Vera Duarte:** Os meus livros têm muito do meu sentimento em relação ao Brasil, tenho tido o privilégio de conviver de uma forma muito próxima com muitos brasileiros, sobretudo, estou a pensar nos acadêmicos, professores e estudiosos brasileiros que estão dedicando uma grande atenção também à literatura cabo-verdiana. O meu último livro foi muito bem acolhido no Brasil, até porque muito do que está lá veio de uma inspiração que encontrei em escritores brasileiros, como Castro Alves e Marcelino Freire. Portanto, acho que essa temática do racismo é qualquer coisa que está muito presente na sociedade brasileira devido ao passado escravocrata; isso está no meu livro, de modo que tive que pedir a bênção a Zumbi dos Palmares, Castro Alves e Marcelino Freire, que eu considero que são personalidades que deram a visibilidade para a questão do racismo e dar visibilidade é uma forma de começar a combater.

Culturalmente, sentimos estar muito próximos do Brasil devido ao fato de o país ter passado por um regime escravocrata, como nós, e por ser uma sociedade mestiça. É diferente, mas com muitas semelhanças com a nossa sociedade. Aliás, talvez seja por isso que Jorge Amado, quando veio visitar Mindelo, em São Vicente, que é a cidade onde eu nasci e cresci, ficou muito emocionado e disse que estava a ver lá a sociedade mestiça que ele imaginava em Tenda dos Milagres. Portanto, acho

que temos muitas ligações culturais, para além da língua, temos vários aspectos que nos ligam ao Brasil efetivamente, e nos sentimos em casa quando estamos no Brasil e penso que os brasileiros também se sentem em casa quando estão aqui.

**Crioula:** Nesse ano estamos comemorando o centenário de Amílcar Cabral. Enquanto intelectual cabo-verdiana, de que forma observa a presença do pensamento de Amílcar na sua obra?

**Vera Duarte:** A presença de Amílcar Cabral na minha obra é absolutamente recorrente. Comecei na escrita ficcional com um romance que se chama A candidata e ganhou o Prêmio Sonangol de Literatura. É um romance que dedico a Amílcar Cabral e também às mulheres que participaram na luta pela libertação nacional, mas antes de tudo dedico a Amílcar Cabral porque ele foi o principal líder e, sobretudo, teve sempre a genial intuição de que a presença da mulher era fundamental. Não só na luta pela libertação como na reconstrução do país como um todo. Aliás, as palavras que ele dedicou à emancipação da mulher são absolutamente paradigmáticas e não podemos esquecer que falou da emancipação das mulheres muito antes desse instrumento jurídico internacional fundamental que é a convenção para a eliminação de todas as formas discriminação contra as mulheres. Antes disso, Cabral, já nas zonas libertadas, fazia intervenções aos guerrilheiros dizendo que a mulher era um ser humano igual, que tinha igual dignidade e que tinha direito a participação em tudo, inclusive no trabalho. Então, há um tributo que presto permanentemente a Amílcar Cabral porque sou uma pessoa que desde muito cedo sentiu e foi sensível à diferença de estatuto que a mulher tinha na nossa sociedade. Desde cedo, senti o impulso de lutar para mudar essa situação da mulher. Por isso, sempre quis fazer o curso de Direito.

Devo dizer que também Amílcar Cabral funcionou sempre ao longo dos tempos como o meu magister dixit quando eu queria defender alguma situação de igualdade das mulheres e lutar por isso. Tive a sorte de ter esse autor e ele já ser um herói da luta pela libertação nacional. Portanto, ele serviu de referência fundamental para eu defender as minhas ideias. Sempre tive a inspiração de escrever sobre Amílcar Cabral...

Nos meus livros, foram publicados poemas dedicados a Amílcar Cabral. Recentemente, em 2024, no Centenário de Amílcar, escrevi um reconto do Blimundo que tem o título "Blimundo, o boi que mexeu com o universo" e é uma homenagem a Cabral, pois no texto dou ao libertador o nome de Abel Djassi, pseudônimo que Amílcar Cabral utilizava na luta pela libertação nacional. Aliás, esse livro foi ilustrado e publicado pela Editora Nandyala de Minas Gerais e já está circulando no Brasil e também aqui em Cabo Verde.

**Crioula:** Durante a sua infância, qual era a importância atribuída ao legado de Amílcar para a história e a cultura de Cabo Verde? Observa que a maneira de lidar com a imagem dele foi sendo modificada ao longo dos anos? Pensando nisso, acredita que o legado de Amílcar pode transmitir algo para a juventude atual?

**Vera Duarte:** Durante a minha infância, não ouvi falar muito sobre Amílcar Cabral. Já um pouco mais crescidinha, ouvíamos muitas referências sobre Amílcar Cabral, afirmando que ele era um terrorista. E depois, um pouco mais crescidinha, fui ouvindo falar de uma forma mais clandestina, digamos, de Amílcar Cabral, como sendo um herói que estava a lutar para que Cabo Verde pudesse ser um país independente e pudéssemos acabar com as fomes que periodicamente dizimavam grande parte da população das ilhas. Aliás, foi o fato também de Amílcar Cabral ter presenciado a fome de 1947 em Cabo Verde e, principalmente, em São Vicente, onde

ele estava, no Liceu Gil Eanes. Foi uma fome terrível que parece que lhe determinou essa ideia de ir fazer agronomia e depois lutar para que no seu país não ocorressem mais fomes. É o que nós podemos ver depois nos poemas de juventude dele, porque quando estava a estudar no Liceu de São Vicente, integrou uma academia de jovens, a Cultivar, e já escrevia também alguns poemas marcados pelo seu pensamento ideológico, por exemplo, o poema "Rosa Negra", que diz: a rosa negra amanhã traz vida, ou seja, já apontando para um amanhã com a certeza de liberdade na nossa terra.

A imagem de Cabral realmente foi mudando ao longo dos tempos. Primeiro, a gente ouvia falar dele como terrorista e, depois, jovens e curiosos a pensar sobre uma possível libertação do nosso país, a independência em relação a Portugal, e a ouvir falar sobre a guerra colonial, começamos a entender que ele afinal não era um terrorista, mas sim um herói da libertação nacional e que foi efetivamente esse o papel dele na luta pelas independências.

**Crioula:** Que cenário artístico e cultural está sendo construído em Cabo Verde nos dias atuais?

**Vera Duarte:** Quanto ao atual cenário artístico-cultural cabo-verdiano, devo dizer que gosto mais de falar do cenário literário que é aquele que conheço melhor e onde estou integrada, mas antes de ir para o literário devo dizer que realmente o grande motor cultural das ilhas de Cabo Verde é, sem dúvida, a música. Nossa música tem muito a ver também com a música brasileira. Sendo eu de São Vicente, de onde vem a morna, devo dizer que o que se conta é que um dos nossos maiores autores da morna, B. Leza, deu uma inflexão à morna muito significativa com um tal de meio tom que ele aprendeu com músicos brasileiros, aqueles que vinham nos vapores que faziam a ligação entre a América do Sul e a Europa, com escala na minha

cidade (Mindelo), onde deixavam livros e revistas. Também havia músicos que saíam e tocavam com os nossos músicos, de modo que esse meio tom, que foi fundamental para a nossa morna, que é a rainha de nossa terra, veio do Brasil. Mas temos na atualidade um sem número de ritmos além da morna, como a coladeira, a mazurca e a tabanca. Todos os ritmos africanos que antes eram proibidos, depois da Independência ganharam expressão.

Temos vários ritmos, mas temos também no panorama literário uma grande forma de expandir as fronteiras de Cabo Verde. A literatura, desde antes da Revista Claridade, vem sendo um farol que nos ajuda a ultrapassar essas reduzidas dimensões do nosso país. Na contemporaneidade, a nossa literatura ganhou uma grande visibilidade devido a um aspecto que gosto de ressaltar, por ter dado outra dimensão à nossa literatura, que é a visibilidade que foi dada às mulheres escritoras. Embora tivéssemos mulheres a escrever desde o início da construção do edifício literário cabo-verdiano, que eu ou ousaria situar em 1841-1842, quando surge a imprensa nacional em Cabo Verde. A partir daí, começam a aparecer histórias, romances, contos e poemas até os nossos dias. A grande vitória é a presença e visibilidade das mulheres escritoras.

Além disso, temos efetivamente autores a cultivar todos os gêneros literários. Temos dois prêmios Camões: o Arménio Vieira na poesia e o Germano na Almeida na prosa. Temos efetivamente um edifício literário já bem composto tendo em consideração ao número reduzido das nossas dimensões. Temos uma Associação de Escritores Cabo-verdianos para os mais jovens, temos uma Academia Cabo-verdiana de Letras para os mais maduros. Penso que a literatura tem estado a dar passos significativos.

Eu mesma, há poucos dias, estive a falar um pouco em uma conferência sobre o futuro da literatura cabo-verdiana e pude apontar o que veio de novidade em cada um dos ciclos que grosseiramente podemos chamar de pré-claridosos, esses nativistas e precursores, e depois os claridosos. Depois, há o que chamamos de pós-claridosos, onde pomos todas as gerações que vieram posteriormente à Claridade e só quando tivermos a nossa história da literatura cabo-verdiana realizaremos a verdadeira periodização desta literatura. Mas, em cada geração, temos uma crítica às gerações anteriores, obviamente, e ganhos — embora não possamos ainda dizer quais são esses ganhos porque não temos o recuo necessário no tempo para definir o recorte da literatura cabo-verdiana da minha geração e da que veio depois, que também tem trazido muitas inovações.

Como não posso falar do geral porque ainda não temos essa história, digo que falo de mim, que é o que sei melhor. Na minha geração, sei que está indicado que eu trouxe os poemas em prosa para a Literatura Cabo-verdiana e há um texto da Laura Cavalcante Padilha que é muito importante para definir o que é que significou para as mulheres a poesia em prosa e estou muito de acordo com a leitura que ela faz nesse texto. Também tive a oportunidade de ser pioneira nos microcontos. Aliás, a professora Simone Caputo Gomes foi quem fez o prefácio dos meus microcontos, Desassossegos e acalantos, e ela nota no prefácio que essa foi uma obra inovadora.

Em relação à nova geração que já veio depois da minha, acho que tem feito coisas absolutamente disruptivas em relação à geração anterior, com o qual tem feito um corte epistemológico mesmo. Estou a falar, por exemplo, do fato de terem elegido mulheres como patronas de bibliotecas. Eu, por exemplo, sou patrona da biblioteca Dra. Vera Duarte, sou patrona de uma livraria com café e, neste momento, sou patrona de um Concurso Literário. Também há jovens que estão a fazer um

concurso de literatura. Penso que isso tudo é enriquecedor para a nossa literatura e é um corte epistemológico com o que havia antes, em que a mulher não tinha visibilidade, depois passou a ter visibilidade, mas nunca tinha sido eleita patrona de uma atividade literária. E isso enriquece o nosso panorama literário aqui em Cabo Verde.

**Crioula:** O que gostaria de acrescentar, para concluir?

**Vera Duarte:** Finalmente, para concluir esta entrevista devo dizer que ando com muitos afazeres literários. Desde que me aposentei na minha carreira profissional, que é a de magistrada judicial, tenho me dedicado quase que exclusivamente à literatura. Tenho escrito muitos livros, mas também participado de muitos encontros literários, escrevo muitos textos, prefácios e sinopses, o que acaba por me fazer ter um tempo muito ligado à escrita, sem dúvida, e a escrita criativa.

No que diz respeito a novas obras literárias, devo dizer que estou numa fase muito ligada aos contos infanto-juvenis. Foi assim que publiquei no ano passado um livro que se chama José Mãos Limpas e outros contos, que está a ser reeditado este ano porque esgotou muito rápido. Escrevi um conto agora, “Blimundo, o boi que mexeu com o universo”, e estou com dois contos infanto-juvenis entre mãos para a versão final da escrita, antes de irem para ilustração e publicação.

Recebido em 08/12/2024
Aceito em 28/12/2024